



Cândido Portinari, *Mestiço* (1934).
Óleo sobre tela, 81 cm x 65 cm,
Pinacoteca, São Paulo

REFLEXÕES

BELEZA BREJEIRA

SANDRA DAIGE ANTUNES CORRÊA HITNER

ABCA/SÃO PAULO

Para o imaginário do espectador requintado, ao contrário do que ocorre com as belezas aristocráticas e as mais padronizadas, Portinari apresenta uma vigorosa plástica masculina frontal mestiça, e põe em evidência a anatomia perfeita de um corpo escuro, exibido com sínteses de luz e sombreados que revelam e valorizam as múltiplas tonalidades contidas na pele negra, meio avermelhada, carregada de não sei quantas outras etnias.

O observador mais atento do retrato do *Mestiço* nota que o olhar da personagem ultrapassa o limite da tela, convidando para uma conversa. Esses olhos não conhecem restrição de nenhum tipo. Têm um desapego que faz com que exiba seu corpo sem pudor, quase heroicamente, numa pose displicente. E o observador que captou esse estímulo na subliminar possui, é claro, linguagem semelhante e faz a troca com ele. Para o olho atento, tudo é espelho.

Leonardo da Vinci deixou para a história uma pequena parte de seu discurso sobre estética que diz: “Não vêes que o olho abraça a beleza

do mundo inteiro? [...]. É janela do corpo humano, por onde a alma especula e frui a beleza do mundo aceitando a prisão do corpo que, sem esse poder, seria um tormento [...]. Quem acreditaria que um espaço tão reduzido seria capaz de absorver as imagens do universo?” (Marilena Chauí, *O Olhar*, Cia. das Letras, SP). Numa obra de arte, nada é estável, muito menos cômodo. Ao planar pela imagem do retrato do *Mestiço*, os olhos do Outro podem não responder aos anseios que dela provêm. A arte é uma linguagem e, portanto, é mais ampla do que uma simples comunicação: inclui harmonia e beleza e, como se trata de um retrato, é o que melhor exprime o poder da pintura, pois, além do rosto e da presença a nos observar, pressentimos a existência da alma de um ser.

A absorção e a codificação da imagem no universo da arte não são um exercício para amadores, e por não conterem em si explicações suficientes, se dão no registro da sensibilidade mais do que no da razão. Embora os críticos franceses tenham contribuído para a história do retrato

observando que nada revela tão bem um homem quanto suas mãos, ou que, quanto mais significativa for sua pose, mais exposto fica seu mundo, Portinari manifestou seu padrão de beleza de forma incontestável fazendo com que a iconografia sugestiva da posição social ocupada pelo *Mestiço* perdesse completamente a relevância diante do ícone que a figura apresenta como padrão estético.

SANDRA DAIGE ANTUNES CORRÊA HITNER

Historiadora de arte, crítica de arte e perita especialista em análise de autenticidade e ancianidade de obras de arte por meio de exames laboratoriais. Formação acadêmica (USP, UNICAMP) e profissional credenciada no exterior (Bruxelas e Berlim). Como crítica de arte, é membro credenciado da AICA e ABCA – *Association Internationale des Critiques d’Art* / Associação Brasileira de Críticos de Arte. Participa do AICA AWARD COMMITTEE (2026) e, para a ABCA, atua como parecerista para a definição de novos membros (2026).